plantadas de maneira a perceber-se que houve um processo de inclusão. Visto que a inclusão como o ápice de um ensino de qualidade provoca uma reformulação no ambiente escolar em virtude de novos posicionamentos a respeito da conduta da escola, exigindo assim uma qualificação por parte do corpo docente e técnico- administrativo afim de que seja capaz de receber o aluno deficiente auditivo.
Com relação ao seu processo pedagógico a escola deve comprometer-se com o ensino e aprendizagem deste aluno visando agregá-lo a diversidade dos conteúdos haja vista suas dificuldades de relacionamento que interferem na aprendizagem, mas sempre visando o nível de possibilidade de desenvolvimento de cada um, explorando suas possibilidades por meio de atividades, sejam elas abertas ou mediando seus interesses de forma que sempre que necessário obtenha um acompanhamento paralelo. O ideal é que cada pedagogo busque nas diferentes teorias meios para buscar o desenvolvimento deste seu aluno desde teorias respostas comportamentais condicionadas por reforços positivos ou negativos ou até mesmo interligar-se aos seus desejos e atitudes cotidianas para criar um novo contexto de aprendizagem.
De acordo com Witmer (1919):
A primeira tarefa do professor é obter e manter a atenção da criança, dando-lhe uma coisa que ela consiga fazer e depois desta, uma que ela não consiga, para obriga-la a sobrepujar suas limitações.(WITNER,1919,p.75)
O papel da escola inclusiva é buscar desenvolver tarefas que afirmem sua atenção, a persistência, a concentração permitindo que esta criança vivencie o mundo lá fora, dentro de uma escola normal. Em que todos são contemplados com para os alunos com dificuldades, mas também para todos aqueles que juntos vão buscar um sucesso para tal prática educativa, onde as necessidades desses alunos são estruturadas de acordo com as suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo inclusão tem sido em muitos casos compreendido de forma errada, têm sido visto do ponto de vista social em apenas incluir, colocar junto com outros e ponto final, a inclusão é ante de tudo um processo de se auto analisar, de procurar no outro o que ele tem a nos oferecer, a forma como vê a vida, as coisas e as pessoas.
No ambiente inclusivo somos todos diferentes em busca de objetivos comuns, somos fadados ao mesmo fracasso, mas também temos a perspectiva de realizações conjuntas se todos trabalharmos por um lugar comum a todos.
Ressalta- se, o que temos hoje em nossos dias é sobretudo valorizar o profissional e a escola como formadores de uma sociedade igualitária e soberana. A educação tem hoje, portanto, um grande desafio: garantir o acesso aos básicos que a escolarização deve proporcionar todos os indivíduos – inclusive aqueles com necessidades educacionais especiais, neste trabalho em particularmente com os portadores de deficiência auditiva.
Ao longo dessa trajetória, verificou-se a necessidade de alfabetizar os deficientes auditivos, dando a eles o direito de aprender a ler e a escrever, mostrando que fato de não poder ouvir não quer dizer que também não possa frequentar um ensino regular e aprender como as outras crianças.

REFERÊNCIAS

. Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo. Niterói: EduFF, 1999. p. 48.

. Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo. Niterói: EduFF, 1999. p.161.

SILVIA, A.M; PINHEIRO, M.S.P; FRANÇA, M.N. Guia para Normalização de Trabalhos Técnicos-Científicos: Projetos de Pesquisa-Trabalhos Acadêmicos, Dissertações e Teses. 5.ª Ed. Uberlândia: UFU. 2006. 145p.

SKLIAR, Carlos. A surdez: Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Dimensão, 1998.

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A.R. e LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988.

DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESVELANDO A ARTE NO CORPO

GRAZIELLA DA COSTA PRINCIPESSA

RESUMO

O objetivo desse estudo é elucidar o trabalho com a Dança na Educação Infantil, uma vez que a mesma está inserida na grade curricular dessa etapa escolar e trata-se de um fenômeno que envolve a corporeidade e a expressividade humana, tão inerente às crianças pequenas e ao desenvolvimento integral do indivíduo.
Nesse sentido, o presente estudo, compreende que a dança e a arte devem ocupar um lugar de destaque no currículo escolar visando à formação estética, crítica e social do indivíduo e propõe-se a investigar as reais possibilidades do trabalho pedagógico com a dança com crianças na Educação Infantil. Para tanto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica, bem como de um estudo de caso.

Palavras-chaves: dança, arte-educação, educação

infantil.

ABSTRACT

The aim of this study is to elucidate the work with the Dance in Early Childhood Education, since it is embedded in the curriculum of this educational stage and it is a phenomenon that involves the human embodiment and expression, so inherent to small children and development of the individual.
Accordingly, the present study, understand that dance and art should occupy a prominent place in the school curriculum for the training aesthetics, and social critique of the individual and it is proposed to investigate the real possibilities of educational work with children in dance with Early Childhood Education. To that end, we conducted a literature search, as well as a case study.

Keywords: dance, art education, early childhood education.

INTRODUÇÃO

A dança, e a arte, carregam tantos saberes e fazeres humanos, contemplam nossas necessidades, emoções, desejos, expectativas, retratam a vida, é a própria vida! O que nos faz lembrar uma frase de Guimarães Rosa, "Viver é sempre uma obrigação imediata", ressaltando ainda que "Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe" (Oscar Wilde) e que "Viver é como andar de bicicleta: É preciso estar em constante movimento para manter o equilíbrio. " (Albert Einstein). E "Viver", no sentido das frases citadas, relaciona-se literalmente com a Arte, afinal ela é uma necessidade vital dos seres humanos que fala direto à emoção e à razão e nos acompanha independentemente dos diferentes sistemas políticos, econômicos ou religiosos. Enfim, "a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente" (FISCHER, 1973, p. 20). Assim, a arte faz parte da nossa existência, ela nos humaniza e intensifica a nossa existência.
Como mencionou o ilustre educador e escritor Anísio Teixeira: "Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra", a Arte e a Dança deveriam entrar pela porta da frente da escola, ou seja, jamais deveriam ser relegadas a um papel secundário e menos importante que as demais áreas do currículo.
É fundamental compreender a Dança como uma linguagem que caminha junto com o processo de produção do conhecimento e a vida em sociedade, além de fazer com que os praticantes se sintam capazes de tornarem-se seres críticos e criativos. A dança é capaz de ser mediadora no processo de construção de um ser humano mais sensível, crítico, criativo e autônomo, ou seja, contribuindo fundamentalmente na formação do cidadão.
Sendo assim, por toda a dimensão estética e criativa, de vida e necessidade humana, e por todas as implicações entre arte, educação e sociedade, não seria imprescindível que os educadores incorporassem efetivamente a Dança em sua prática pedagógica, através de um amplo e significativo trabalho com as crianças?
Nesse sentido, este estudo tem como objetivo geral investigar as reais possibilidades do trabalho com a dança na educação infantil.
Além disso, tendo em vista o objetivo geral, esta pesquisa tem por objetivos específicos: realizar uma breve contextualização da dança no cenário histórico e no ensino escolar; refletir sobre a necessidade ou não de um profissional da área de dança para o ensino da mesma; e analisar um estudo de caso envolvendo um projeto de dança e cultura árabe numa escola de Educação Infantil.
Podemos dizer que a dança é uma arte essencialmente prática. Somente vivenciando, experimentando essa prática corporal é que podemos sentir o prazer que o movimento pode nos proporcionar. Portanto, acredito que esta pesquisa, possa contribuir a quem realmente acredita na arte e no poder da dança, proporcionando assim uma viagem à imaginação, ao movimento, à criação e ao mundo da infância.

CAPÍTULO 1 – DANÇA: uma breve história

Dança... algumas inquietações nos invadem quando refletimos sobre ela. Acredito ser oportuno resgatar as dimensões desse saber que tem acompanhado o ser humano desde os primórdios de sua existência.
Presente em todos os tempos e em todos os povos, a dança é uma das manifestações mais antigas da humanidade. Pode-se dizer que a dança acompanhou a história do ser humano na sua busca da razão, da ciência e da arte.
A dança existe desde a pré-história. Segundo Portinari (1989), como os homens daquela época não possuíam uma linguagem verbal definida, usavam a dança e artefatos para se relacionarem e conviverem em sociedade.
Para ARRUDA (1998, p. 10), a dança "é um dos meios através dos quais todos os povos expressam sua cultura, sua relação com a natureza e com os homens". O autor ainda aponta que a mesma teve início com movimentos naturais para representar necessidades, emoções e sentimentos e integrava rituais dedicados aos deuses, objetivando pedir auxílio para a realização de boas caçadas e pescarias, colheitas abundantes, ou para que houvesse sol ou chuva. A dança fazia parte, também, de manifestações de júbilo e congraçamento pela vitória sobre inimigos e de outros eventos felizes.
A dança sofreu, através dos tempos, influências do desenvolvimento socioeconômico e sociocultural dos povos e também cada povo desenvolveu sua maneira de dançar, seus gestos específicos, caracterizando suas diferentes culturas. Dependendo de seus objetivos, surgiram diversos tipos de dança:
(...) a guerreira, a teatral, a ritual ou religiosa, a popular

ou folclórica (geralmente dançada em festas populares, em grupos e ao ar livre), o balé clássico e a dança moderna (artísticos e mais voltados para espetáculos), a dança social ou de salão, a dança esportiva, o balé no gelo ou patinação artística e outros tipos" (ARRUDA, 1998, p.54).

Durante a Idade Média, na Índia e na China, quando o objetivo era a adoração de divindades, os dançarinos usavam máscaras e trajes coloridos que acentuavam o poder de representação e de abstração.
Já na Grécia, onde a beleza do corpo e a perfeição dos movimentos norteavam os estilos, a dança estava inserida no plano educacional elaborado por Platão, sendo muito importante para a formação dos jovens. Também utilizavam a dança para a educação dos guerreiros como forma de preparação para as lutas. Afirmavam que os melhores dançarinos se tornavam os melhores guerreiros.
A dança mais do que um ritual sagrado, tinha sua importância na formação do indivíduo.
O Renascimento cultural dos séculos XV e XVI trouxe diversas mudanças no campo das artes, da cultura, da política e da religião. Dentro desse contexto, também a dança sofreu profundas alterações que já vinham se arrastando através dos anos. Surgiram as expressões teatrais com o objetivo de educar o povo por intermédio da religião. Eram as danças teatrais, nas quais eram utilizados elementos macabros, como fantoches com membros disformes, que representavam os demônios. Com isso, a Igreja interveio de forma austera, reprimindo todas essas manifestações de dança, pois as mesmas representavam, aos olhos da Igreja, os demônios. Na referida época, "a dança começou a ter um sentido social, isto é, passou a ser dançada pela nobreza em grandes espetáculos teatrais e em festas apenas como entretenimento e recreação, além de fazer parte da educação dos nobres". (PORTINARI 1989, p.45)
Desde então, a dança social foi se transformando e, aos poucos, se tornou acessível às camadas menos privilegiadas da sociedade, as quais já desenvolviam outro tipo de dança: as danças populares.
Num país como o Brasil, com tão fortes influências culturais, não tardaram a se mesclar contribuições dos povos indígenas e africanos, num processo de inovação e modificação de algumas das danças europeias importadas. Até a década de 1960, os bailes eram um dos eventos sociais mais importantes e populares de todas as idades e camadas sociais. Com o aparecimento das discotecas, as pessoas passaram a dançar de maneira mais descontraída, sem se tocar.
PORTINARI (1989) relata que a dança é uma ciência que envolve beleza, visão e precisão. Envolve flexibilidade, imaginação, tenacidade e coordenação, apresentando uma evolução natural às possibilidades gestuais que tem o nosso corpo e está ligada diretamente ao ritmo do universo, buscando do inteligível, a liberdade dos movimentos e a imaginação com a sua magia. É mais do que apenas uma série de fenômenos artísticos, é um veículo poderoso de educação e comunicação.
Verificamos que a dança é uma das mais antigas manifestações culturais do homem, uma das formas mais antigas de que se tem conhecimento, que percebendo a funcionalidade dos seus músculos, articulações e seus desdobramentos, desencadeou uma evolução natural, no processo de importância social, num espontâneo exercício de cidadania. (ARRUDA 1998)

CAPÍTULO 2 – DANÇA: arte que comunica, expressa e transforma
Na Lei de Diretrizes e Bases nº9394/96, a arte é reconhecida como disciplina escolar obrigatória e, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, considerada uma área curricular com conteúdos específicos e uma função tão importante quanto as outras áreas do conhecimento, havendo a necessidade de se contemplar a variação das formas artísticas: teatro, artes visuais, dança e música.
No entanto, a dança, considerada uma das mais antigas manifestações artísticas, esteve historicamente pouco presente na escola. Nesse contexto, passaremos, neste capítulo, a discorrer sobre a importância do trabalho pedagógico com a dança, contextualizando historicamente essa manifestação artística.

2.1 - A arte na escola

A educação tem passado nos últimos anos por diversas mudanças. Deixamos para trás uma visão fragmentada e autoritária, almejando uma educação fundamentada na diversidade, na interação e nas relações humanas, em busca da aprendizagem facilitada, significativa e prazerosa. A Arte, incluindo-se a dança, é abordada, neste contexto, como um dos saberes para a obtenção de uma educação integral do indivíduo e para a formação do cidadão.
Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) do Brasil instituiu o ensino obrigatório de Arte em território nacional e, em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a dança foi incluída ofi¬cialmente, como uma das linguagens artísticas a ser ensinada pela disciplina Arte.
A atual da Base Nacional Comum Curricular evidencia sua posição sobre as particularidades das

linguagens artísticas que compõem o componente curricular Arte:
Engloba quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Cada linguagem tem seu próprio campo epistemológico, seus elementos constitutivos e estatutos, com singularidades que exigem abordagens pedagógicas específicas das artes e, portanto, formação docente especializada. (BRASIL, 2016, p. 112).

Esse ponto de vista explicita duas questões importantes sobre o ensino da Arte. Primeiramente, um alinhamento com a legislação federal, em especial com a Lei 13.278/2016 que trata da obrigatoriedade das quatro linguagens (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) e que foi promulgada um mês após a segunda versão da BNCC.
Um segundo aspecto a ser destacado é o fato de o documento assumir claramente a necessidade do professor formado nas especificidades de cada uma das linguagens da Arte, atuando em sua área de formação, o que reflete apontamentos oficiais como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais que "reconheceram a especificidade das artes visuais, da dança, da música e do teatro como conhecimento, bem como a necessidade de formação específica para o professor" (BRASIL, 2016, p. 112).
Essa posição reforça a necessidade de superar uma cultura de polivalência reducionista que marca a presença da Arte na educação brasileira desde a década de 1970. Entretanto, destaca-se uma realidade contraditória, pois o componente curricular engloba quatro linguagens e é atribuição de um professor do componente curricular "Arte" que deve abordar todas elas. Se de um lado a especificidade das linguagens artísticas está preservada, por outro, a sua abordagem fica a cargo de um professor com a formação em apenas uma delas, a priori. Esse ponto fragiliza o ensino de arte quando exige tacitamente que a atividade docente ocorra sem o domínio de área, fato que se confirma pela maioria dos editais de concursos para professores de Arte que exigem domínio de conhecimento nas quatro linguagens artísticas.
A arte tem seu valor cada vez mais incontestável na escola que visa uma educação voltada ao desenvolvimento do potencial de sentir, expressar e criar do ser humano. Ela desenvolve uma forma de inteligência diferente, de agir criativamente, de expressar-se melhor e com mais segurança, de sentir e perceber melhor o que está à volta, de estar preparado para o diverso e o imprevisível. Segundo Nani:
Enquanto arte, a dança é produto da expressão intencional que permite a liberação da índole criativa do homem, transcende as ações no tempo e no espaço e se transforma em algo inédito. É a arte de organizar movimentos com elementos que possibilitam a criação improvisada ou previamente concebida que traduzem a intenção expressiva do homem. Essa arte comunica a liberdade de usar o corpo como um instrumento da interpretação dos conceitos de energia corporal, ritmo, espaço, valores estéticos e cultuais, bem como emoções de um povo, concretizadas através de danças executadas individualmente, em pequenos ou grandes grupos. (NANNI 1998, p.15)
Assim, cada vez mais, a arte, incluindo os estudos do movimento e da dança, passam a ser mencionados em documentos oficiais da educação brasileira.

2.2 - A Dança na Educação

De um modo geral, apesar da legislação vigente caracterizar o ensino de Artes obrigatório à Educação Básica, a importância da arte na escola sempre se limitou a um lugar desprivilegiado no currículo.
No que se refere propriamente à dança, esse quadro parece ser ainda mais agravante, persistindo alguns desentendimentos e inquietações. Por exemplo, na escola, em que disciplina a dança seria ensinada: Arte ou Educação Física? Ou ain¬da, será que deveríamos deixar o ensino de dança à informalidade das ruas, dos programas de televisão, da sociedade em geral? O que é dança na escola: Área de conhecimento, recurso educacional, exercício físico, terapia, recreação? Quem es-taria habilitado a ensinar dança: o bacharel em Dança, o licenciado em Arte, o licenciado em Educação Física ou os professores polivalentes na Educação Infantil?
Nanni (2003, p. 6), afirma que "assim como a matemática, a história e as ciências, a arte tem um domínio, uma linguagem, uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudos específicos e não apenas em mera atividade", sendo a dança uma das formas da cultura corporal de diversos povos inseridas no universo da cultura/arte.
No entanto, podemos notar no cotidiano da maioria das escolas brasileiras, que a dança tem sido tratada como elemento "decorativo", quer seja nas comemorações festivas ou nos momentos de recreação, por exemplo. Raramente ela é valorizada por ter um conhecimento próprio e uma linguagem expressiva específica, o que configura uma visão reducionista da dança, na contramão do que muitos teóricos defendem:
A dança enquadra-se como linguagem que deve ser ensinada, aprendida e vivenciada, na medida em que favorece o desenvolvimento de vertentes cognitivas, éticas e estéticas e contribui quali-

tativamente para as questões da socialização e expressão. Atividades corporais advindas da expressividade, comunicação, alegria, liberdade são elementos relevantes na vida do ser humano. (GARIBA; FRANZONNI, 2007, p.159)

Uma concepção atual de educação reconhece que o trabalho com o corpo possibilita conhecimento de si e dos outros, gera na pessoa que dança consciência corporal e conhecimento dos limites de seu corpo. De acordo com Marques (2010, p.26), "ao contrário de uma visão histórica ingênua de que a dança não passa de. Uns passinhos. A mais ou a menos na vida das pessoas. hoje não podemos mais ignorar o papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade. E, portanto, da dança". Dessa forma, a dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto-expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento.
Nesse sentido, notamos a complexidade do ensino da dança, para além simplesmente dos movimentos corporais, tal como menciona Garaudy:
A dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração. A dança é um esporte (só que completo) (...) dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. (GARAUDY,1980, p.9)

Contudo, não há como negligenciarmos um trabalho efetivo, contínuo e sistematizado com a dança nas escolas, inclusive na Educação Infantil, afinal principalmente as crianças dessa faixa etária, não apreendem o mundo somente por meio das palavras, mas sobretudo através das imagens e dos movimentos. Tal trabalho não deverá contemplar simplesmente um momento de recreação ou festividade, mas deverá ser contínuo, contextualizado, tendo uma sequência que objetive o desenvolvimento do aluno, através de várias vivências significativas com a dança.

Entendemos que o grande desafio posto aos educadores é o de superar uma visão fragmentada da educação, que privilegie mais a mente do que o corpo e que privilegie algumas áreas do conhecimento em detrimento das linguagens artísticas. Cabe a nós educadores, conscientes de nossa função pedagógica, acrescentar à nossa prática o sonho, a criação, a transformação e a inovação que a Arte, incluindo a dança, sugere.
Não podemos deixar de mencionar ainda que a dança tem um poder de atuar como um instrumento de comunicação para agregar pessoas e promover relações sociais. É a arte que mais favorece as relações entre pessoas, ou seja, parafraseando Vinicius de Moraes, podemos dizer que a dança é a arte do encontro.

CAPÍTULO 3
A DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A primeira coisa que o professor precisa fazer é dar um corpo ao aluno. (Klauss Vianna)

Conceber a dança como forma de conhecimento necessária para a educação do ser social possibilita compreendê-la como uma ação que deve começar na escola, de forma contínua, sistemática e significativa. Nesse sentido, o que os educadores podem ensinar em relação à dança às crianças pequenas da Educação Infantil? Como ensinar determinados conteúdos? Além disso, o educador deve ter uma formação em dança para ensinar os alunos?

3.1- O que e como ensinar?

O ensino de dança apresenta uma gama de possibilidades a serem desenvolvidas na escola. Primeiramente, faz-se necessário deixar claro que a dança na escola não deve ter a pretensão de formar bailarinos, nem se resume em buscar sua execução em festas comemorativas e "tampouco deve sugerir a ideia de que dançar se aprende dançando" (MARQUES 1999, p.19). Para esta autora o estudo e a compreensão da dança corporal e intelectualmente falando, "vão muito além do ato de dançar."
Uma proposta de dança escolar em consonância com os autores até aqui citados sugere buscar uma forma de dança que se liberte do academicismo mostrando que esta não se restringe apenas ao aprendizado de técnicas e estilos como ballet, jazz, etc., pois conforme Ferrari (2003, p.1) "A Dança na escola não é a arte do espetáculo, é educação através da arte".
No que diz respeito aos conteúdos que visem uma educação do/e pelo movimento para compreensão da dança, Marques, ressalta que:
(...), os conteúdos específicos da dança são: aspectos e estruturas do aprendizado do movimento (aspectos da coreologia, educação somática e técnica), disciplinas que contextualizem a dança (história, estética, apreciação e crítica, sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia) e possibilidades de vivenciar a dança em si (repertórios, improvisação e composição coreográfica). (MARQUES, 1999, p.31)

Percebe-se que o campo de abrangência destes conteúdos é rico e diversificado, porém não deve ser entendido como "receita de bolo" a ser literalmente seguida, numa visão tradicional, mas sim auxiliar e acrescentar ao processo de ensino-aprendizagem aspectos diretamente relacionados ao corpo, à dança, à pluralidade cultural levando a uma (re)leitura de mundo totalmente voltado para nossa realidade histórica e social.

A dança deve proporcionar às crianças, situações que lhes possibilitem desenvolver suas habilidades e as várias possibilidades de movimento, promover o autoconhecimento e assim ser agente efetivo da harmonia entre razão e emoção, estimular a criatividade e proporcionar o conhecimento do corpo. Por exemplo, trabalhar com diferentes estilos musicais, provenientes de culturas diversas para proporcionar a percepção de diferentes imagens, emoções, assim como resgatar memórias, afetos, conectando o espaço de sala de aula com o espaço da vida/sociedade, promovendo o conhecimento e o respeito referente às diferentes culturas, pois A linguagem da dança é uma área privilegiada para que possamos trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade. Em primeiro lugar, o corpo em si já é expressão de pluralidade. Tanto os diferentes biótipos encontrados hoje no Brasil quanto a maneira com que esses corpos se movimentam, tornam evidentes aspectos sócio-político-culturais nos processos de criação em dança. (MARQUES, 2010, p.37)

Nesse sentido, fica claro então, que o patrimônio cultural da humanidade contempla um vasto repertório de movimentos ligados à dança e que devem ser apresentados no trabalho com as crianças na educação infantil promovendo "oportunidades para que as crianças dancem ao som de músicas variadas, de diferentes regiões e grupos culturais. " (SME/DOT, 2007, p.65)

É interessante ressaltar que também é muito valioso na Educação Infantil um trabalho com a apreciação, onde as crianças possam assistir a espetáculos de dança, quer seja ao vivo ou através de filmes, pois tal atividade "permitirá a elas, não apenas ampliar o seu repertório cultural da área, como ampliar suas possibilidades de observar, fruir e progressivamente analisar as produções de dança, construindo referências para analisar seu próprio movimento. " (SME/DOT, 2007, p.66)

Nesta perspectiva de trabalho é importante considerarmos a experiência de fruição estética de espetáculos e vídeos de diferentes danças que enriquecem o repertório das crianças, bem como trazem uma nova perspectiva para o trabalho em sala de aula. As crianças podem a partir desta fruição, fazerem registros, por meio de desenhos das partes do espetáculo que mais gostaram, criar esculturas a partir de um determinado movimento observado, dialogando assim com outras linguagens da Arte.

Nanni (2005) sugere a realização de jogos e brincadeiras para que a criança possa desenvolver a capacidade de observação dos movimentos bem como formas diversas de expressão gestual realizada pelo corpo no espaço, além de oportunizar as crianças conhecimento das potencialidades de seu corpo.

Outro elemento privilegiado para o trabalho com a dança é a improvisação. Através desta, procura-se desenvolver a capacidade criativa do indivíduo, por meio da exploração de espaço, peso e tempo, usando técnicas e jogos de movimentos, levando-os a utilizar-se de experimentações de movimentos de forma criativa. A improvisação possibilita ao indivíduo traçar sua identidade gestual. Desenvolvendo a sua expressão pessoal num trabalho criativo e espontâneo com a improvisação, estaremos estimulando a liberdade de expressão e comunicação, pois

O processo de improvisação em dança – que pode ou não levar ao processo de composição coreográfica – implica que aprendamos a trabalhar com nossos gostos, preferências pessoais e necessidades internas de movimento e exploração espacial sem que nos desliguemos do grupo. Assim sendo, o processo de improvisação pode incentivar o aluno a se conhecer (corporal, emocional e intelectualmente) respeitando o espaço dos outros. (MARQUES, 2010, p.50)

Percebe-se, portanto, que são as várias as possibilidades de se trabalhar a dança. O conjunto dessas possibilidades, e a interação entre as mesmas, constitui-se em um trabalho materializado, dotado de sentido e vivências significativas. Para ilustrar ainda melhor essa abordagem nos reportaremos novamente aos documentos de orientações curriculares para a educação infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, o qual sugere que as crianças possam:

(...)explorar as possibilidades de se expressar, se comunicar, interagir intencionalmente com diferentes parceiros pelo movimento, ampliando suas possibilidades gestuais. (...) aprender a dançar a partir de músicas de gêneros variados, imitando, criando e coordenando movimentos de diferentes maneiras a partir de estímulos diversos, sozinhas ou com companheiros, sendo capazes de coordenar seus movimentos com os dos parceiros de modo intencional.(...) ser apoiadas a criar e reproduzir coreografias individualmente e em grupo, a descrever como um movimento deve ser feito e a criar um sistema de registro para movimentos,

utilizando-o na realização de sequências de movimentos. Podem ainda aprender a fruir, descrever, avaliar e interpretar apresentações de dança de diferentes gêneros e outras expressões da cultura corporal (como circo, esportes, mímica, teatro, etc.), de adultos amadores e profissionais, e de outras crianças. Finalmente, podem criar brincadeiras corporais a partir do repertório apreendido da cultura corporal. (SME/DOT 2007, p.72)

Além da organização das atividades ao longo do tempo, torna-se necessário selecionar certos tipos de materiais e planejar os usos dos mesmos pelas crianças. A definição do material que será utilizado acarreta diferentes possibilidades para as crianças. Sabe-se que muito do desejo e do impulso de criação não provêm de ideias previamente organizadas, mas nascem a partir do contato com os materiais e das possibilidades que são sugeridas, por exemplo, por um papel de cor diferente onde se vai desenhar, por um pandeiro ou outro instrumento confeccionado artesanalmente de onde se vai tirar diferentes sons, de indumentárias e luzes que serão usados na dramatização etc. Por isso, a escolha e a apresentação sistemática, organizada e contextualizada de materiais são fundamentais no processo criativo. (SME/DOT 2011 p.66)

Exemplificando os materiais alternativos que podem ser incluídos nas propostas de atividades com dança, a fim de incrementar o processo criativo e as possibilidades de movimentos corporais dos alunos, Souza nos aponto: “cordas, jornais, bolas, arcos, lençóis, plásticos, elásticos, bastões, entre tantos outros, (...) com deslocamento, sem deslocamento, em pé, deitado, com diferentes variações em diferentes planos, sentidos e níveis”. (SOUZA 2010, p.54)
As crianças já possuem um repertório pronto, com muitas referências vistas principalmente na televisão. Cabe é escola ampliar esse repertório oferecendo vivências diversificadas e significativas no que se refere à dança, ou seja, devemos levar a criança a conhecer, explorar e experimentar diferentes maneiras de se deslocar pelo espaço e interagir com os colegas, percebendo e acompanhando ritmos e melodias. A escolha das músicas é parte essencial para um projeto com esse fim, sendo importante também ampliar as referências musicais das crianças
Contudo, constatamos a importância de se trabalhar intencionalmente a dança na educação infantil, através da mediação entre conhecimento e espontaneidade, criando meios de aprendizagem de maneira que as crianças não tenham atitudes mecânicas, mas de forma natural e lúdica ensinar os princípios dos seus movimentos, a função do corpo e a diversidade cultural que envolve a dança.

3.2- Quem não sabe, ensina?

Ainda permeia em nossa sociedade um certo receio, ou talvez medo, em se trabalhar com o corpo. Talvez este fato ocorre porque à medida que crescemos, nosso corpo, pelos tabus de uma civilização que corrompe nossa necessidade de expressão, perde cada vez mais o desejo de mobilização. É aí que devemos recorrer, já adultos, a experiências para melhorar o físico.
Em se tratando de um professor essa experiência repercutirá diretamente em sua prática pedagógica, fazendo com que o mesmo tenha dificuldades em desenvolver um trabalho de dança efetivo com seus alunos. No entanto, esse educador pode reverter tal situação com uma competência fundamental a qualquer profissional da educação, ou seja, a de ser um professor pesquisador. Assim, pesquisar o assunto e ver espetáculos de dança são atividades que o professor pode investir para aprender a enxergar o movimento criativo das crianças. (SME/DOT 2011, p24)
Nesse sentido, Marques também relata que embora muito se tem discutido sobre a cultura corporal e a bagagem do aluno para o trabalho com a dança na escola,
Esquecemo-nos com frequência de levar em consideração, discutirmos e trabalharmos com a cultura corporal (bagagem, etc.) dos próprios professores encarregados de ensinar dança, sejam eles artistas ou não. Cabe hoje, como professores, nos perguntarmos: que danças conhecemos? Com que frequência nos dispomos a assistir dança? Que reflexões temos sobre os nossos corpos? Que relações somos capazes e temos vontade de traçar entre a dança, educação e sociedade? (MARQUES, 2010, p.103/104)

A autora ainda ressalta que, antes de trabalhar essa manifestação artística com a turma, o professor precisa investigar e conhecer seus próprios movimentos - afinal, ele é uma referência importante. Um bom ponto de partida também seria fazer atividades de exploração de movimentos junto com as crianças - em vez de só pedir que elas se mexam.
Strazzacappa (2001) também constata que a deficiência da dança no ambiente escolar na maioria das vezes se deve ao despreparo do professor para realizar tal tarefa. Diante disso, a solução seria que os professores se conscientizassem e refletissem sobre a necessidade de uma educação continuada, a necessidade de buscar embasamento teórico e meios práticos de como trabalhar com a dança dentro do espaço pedagógico, de forma

que auxiliem na aprendizagem do seu aluno.
Nesse sentido, Marques (1999) aponta que embora não se aceite mais o preconceito em relação ao contato com o corpo e com arte, as gerações que não tiveram dança na escola muitas vezes não conseguem entender o seu significado e sentido em contexto educacional e para tanto, a autora afirma que
É necessário realizar um trabalho de expressividade corporal na formação dos futuros docentes que virão atuar nas escolas, pois, talvez, conseguindo que estas pessoas se liberem de valores pré-estabelecidos – os quais são carregados desde a infância – esses professores possam ter uma nova visão de corpo e de mundo, e assim se engajar num pensamento reflexivo que busque uma educação diferenciada para seus alunos. (MARQUES, 1999, p.45)

Uma das questões mais polêmicas hoje em dia, no que tange ao ensino de dança, é a dúvida referente a qual profissional deveria ensinar a dança nas escolas. Seria este um professor licenciado em Dança? Ou o próprio professor polivalente?
Apesar de a legislação vigente garantir a obrigatoriedade do ensino de artes nas escolas, observa-se que a presença do educador licenciado em artes (teatro, dança, música e artes visuais) ainda é bastante restrita nas instituições educativas, pedagogos, aos professores polivalentes, o ensino deste campo tão pouco tratado em sua formação.
Em contrapartida a tal cenário, Fux defende que a dança está em todos, cabe-nos apenas buscá-la e compartilhá-la:
A dança não deve ser privilégio daqueles que se dizem dotados, ela deve ser ministrada da educação comum como uma matéria de valor estético, de peso formativo, físico e espiritual. Com uma capacidade e possibilidade de buscar a criação de cada um de acordo com o desenvolvimento que tenha frente a si mesmo e frente ao espaço. (FUX,1983, p.19)

O que se mostra é que a ausência de professores com formação específica em dança ou artes não pode servir de pretexto para negligenciarmos um trabalho contínuo e sistemático com a dança na escola, principalmente na Educação Infantil. Para ensinarmos nossos alunos a dançar, no contexto do que foi apresentado como conteúdos de dança na Educação Infantil, não é necessário ser um bailarino, um profissional, mas sim um professor com competências específicas da docência, ou seja, com atitudes de reflexão, crítica e de pesquisa e sobretudo um indivíduo consciente de que trabalhar o corpo na vida adulta é tão importante quanto trabalhá-lo na infância, tanto para a saúde física como para a saúde mental/emocional. Além disso, as vivências culturais aprimoram o nível intelectual das pessoas, fomenta o pensamento crítico-reflexivo, promove mudanças de opiniões. Logo, todo professor deveria se envolver com a arte para consequentemente potencializarem a sua prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos, neste estudo, que a Dança, uma vez reconhecida como elemento da cultura corporal, esteja integrada diretamente às propostas escolares.
É preciso que surjam propostas curriculares inovadoras com o intuito de revelar o que a dança tem de melhor para contribuir com a educação: sua expressividade e criatividade intuitivas. E nesse contexto, o movimento não pode ser considerado apenas um ato físico, mecânico, ele é formado por um conjunto de significados que lhe permite ter uma intenção. Assim, sua expressividade faz com que a dança se torne algo inexplicável através das palavras, elevando-a a um patamar mais alto do que o de meros exercícios tecnicamente perfeitos, ensaiados.
Trabalhando dessa forma, estaremos colaborando com o desenvolvimento de pessoas mais críticas e comprometidas com a sociedade e o mundo ao qual estamos inseridos.
O trabalho revelou ideias que possibilitaram pensar a Educação Infantil, a Arte e a Dança e suas respectivas contribuições para a sociedade, percebendo o ser humano em suas possibilidades de corporal idade constituída de emoção, razão e sentimento, trazendo à tona reflexões sobre a formação do cidadão pleno.
Trabalhar com a dança na escola e promover a aproximação das crianças com esta linguagem artística é estimular sua valorização, é influenciar positivamente na construção da identidade de cada ser humano, é ampliar suas linguagens e o conhecimento da arte e cultura em nosso país e assim promover efetivamente a democratização do ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Solange. Arte do movimento: as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana. São Paulo, SP: PW Gráficos e Editores Associados, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CEF, 1998.

¬¬¬¬¬¬¬¬_____ .Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, abril de 2016.

_____ .Lei de Diretrizes e Bases da educação. N° 9394 de dezembro de 1996.

FREIRE, I. M. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. Caderno Cedes,ano XXI,nº53,abril/2001

FUX, Maria. Dança, experiência de vida. São Paulo: Summus, 1983.